



ISSN 2318-5104 | e-ISSN 2318-5090

CADERNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

*Physical Education and Sport Journal*

[v. 17 | n. 1 | p. 317-324 | 2019]

RECEBIDO: 24-05-2018

APROVADO: 29-03-2019

ARTIGO ORIGINAL

## O mito contemporâneo da heroína esportiva: da guerra ao pódio

*The contemporary myth of sports heroin: from war to podium*

DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n1.p317>

Rafael da Silva Mattos<sup>1</sup>, Juliana B. P. de Castro<sup>1</sup>, César Sabino<sup>2</sup>, Wecisley R. do Espírito Santo<sup>1</sup>,  
Jéssica O. Florentino<sup>1</sup>, Luciana de S. Menezes<sup>1</sup>, Leonardo H. de S. Oliveira<sup>1</sup>,  
Stephany de Sá Nascimento<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

### RESUMO

**Objetivo:** identificar o imaginário social transmitido pela mídia sobre atletas consideradas heroínas esportivas e identificar os discursos sobre as diferenças de gênero transmitidas pela mídia nos Jogos Olímpicos Rio 2016. **Métodos:** trata-se de uma pesquisa descritiva de análise documental, cuja estratégia metodológica consistiu na busca de matérias sobre heroínas Rio 2016 no site Google. As reportagens foram analisadas utilizando-se a Análise da Ordem do Discurso, de Michel Foucault. **Resultados:** os princípios da inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade, estabelecidos por Foucault, estavam presentes nos discursos analisados. Nas reportagens, as mulheres consideradas heroínas esportivas tiveram destaque quando conquistaram a primeira medalha olímpica do país de origem, quando realizaram grandes atuações em partidas decisivas e quando superaram abuso sexual. **Conclusão:** mesmo sendo consideradas heroínas esportivas, a imagem dessas mulheres foi associada à figura masculina. Isso evidencia a necessidade de avanços no quesito igualdades de direito entre homens e mulheres na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esporte; Gênero; Relações de poder; Imaginário.

### ABSTRACT

**Objective:** to identify the social imaginary transmitted by the media about women athletes considered athletic heroines and to identify the discourses on the gender differences transmitted by the media in the Rio 2016 Olympic Games. **Methods:** this is a descriptive research of documentary analysis, whose methodological strategy consisted in the search of stories about Rio 2016 heroines in the Google site. The reports were analyzed using the Discourse Order Analysis of Michel Foucault. **Results:** the principles of inversion, discontinuity, specificity and exteriority, as established by Foucault, were present in the discourses analyzed. In the reports, women considered to be sport heroines were highlighted when they won the first Olympic medal in the country of origin, when they performed great plays in decisive games and when they overcame sexual abuse. **Conclusion:** however, even though they were considered sport heroines, the image of these women was associated with the male figure. This highlights the need for advances in the area of equal rights between men and women in society.

**KEYWORDS:** Sport; Gender; Power Relations; Imaginary.



Direitos autorais são distribuídos a partir da licença  
Creative Commons  
(CC BY-NC-SA - 4.0)



## INTRODUÇÃO

A participação da mulher no esporte ocorre historicamente como uma forma de enfrentamento político e cultural. Nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, a participação feminina foi recorde, com mais de 44% de mulheres nas delegações, somada à inserção das mulheres, pela primeira vez, em todos os esportes. Nos Jogos Olímpicos Rio 2016, a participação de mulheres chegou a 45%, na qual, em 51 Comitês Olímpicos, as mulheres estavam em maior número que os homens (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2016).

O esporte moderno apresenta um panteão de heróis, os quais em sua maioria, são produzidos e agenciados pela mídia por diversas razões, visando a persecução de diversos objetivos: educacional, social, político e econômico. A fabricação do herói esportivo é apoiada por uma série de etapas: uma performance frequentemente coroada pelo pódio. O atleta só se torna heroico a partir do momento em que o público aclama, admira, reconhece e se identifica com ele. Todavia, para tornar essa identificação possível, a imagem do atleta deve ser construída pelos discursos da mídia, por intermédio da montagem de uma biografia, na qual os elementos possam se coadunar e harmonizar com valores e vivências da maioria, conquistando-lhe atenção e fazendo-a identificar-se com a persona do herói-atleta que deve ter uma trajetória<sup>1</sup> de alguém que apesar de ter alcançado uma dimensão representacional superior sobre-humana, ainda pode ser identificado com o cotidiano do maior número de pessoas por ter dele advindo (BOURDIEU, 2008a).

Portanto, a criação do herói refere-se a uma construção social, como sendo o produto de práticas, representações e narrativas em um determinado momento e em um determinado contexto sociocultural. Assim, a imagem do herói, construída pela mídia, mobiliza a imaginação e marca as memórias daqueles que apreciam o esporte. Esta imagem tem, portanto, função social em um contexto no qual nasceu ou renasceu. Neste processo ele é um elemento constituído em imagem pública que evoca valores, regras, normas, sentimentos e aspirações gerais contribuindo, portanto, para manter as estruturas e relações de poder do campo esportivo em particular e da sociedade em geral (AUVRAY, 2013; BOURDIEU, 1983;1990; BURKE, 2009<sup>2</sup>; MARCHI JÚNIOR, 2017).

É importante investigar o tipo de narrativa imagética que os meios de comunicação veicularam sobre essas mulheres, visando a identificar se as desigualdades de gênero foram reforçadas. Portanto, o objetivo do presente estudo foi identificar elementos do imaginário social veiculados pela mídia acerca das atletas consideradas heroínas esportivas e identificar os discursos sobre as diferenças de gênero transmitidas nos Jogos Olímpicos Rio 2016, destacando de que forma esse processo reitera as desigualdades entre gêneros na prática cotidiana.

## MÉTODOS

O referencial conceitual utiliza parte do instrumental teórico metodológico do sociológico Pierre Bourdieu (1998), mormente o trabalho *A Dominação Masculina*, além de algumas de suas ferramentas sociológicas presentes também em seus outros estudos e pesquisas. Utilizou-se, em conformidade, o trabalho específico do filósofo Michel Foucault (2015), *A Ordem do Discurso* conjugando-o com as análises sobre as narrativas míticas presentes em obras da antropologia e sociologia. Destas privilegiou-se Joseph Campbell (1990; 1997), com os livros *O Poder do Mito* e *O Herói de Mil Faces*. E, por fim, foi buscada a articulação da clássica obra de Gilbert Durant, *As Estruturas Antropológicas do Imaginário e Mito, Símbolo e Mitologia* (1982; 2001) com estes autores acima citados e também Michel Maffesoli (1997).

Nosso objetivo não foi seguir nenhuma escola específica de pensamento – problema comum nas ciências sociais e que Bourdieu –, mas utilizar trabalhos de autores, eventualmente antagônicos em partes ou regiões de suas obras, (como é o caso aqui neste trabalho), como ferramentas de análise de uma realidade social cada vez mais complexa e volátil, portanto, rebelde a qualquer absolutismo teórico (MATOS, 2016, p. 18-22)<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Trajetória de acordo com o conceito de Bourdieu, descreve a série de posições ou estágios sucessivos que um atleta (ou qualquer outro profissional de sucesso) ocupa no contexto socioprofissional (segundo o autor: campo), sendo claro que apenas na estrutura desse contexto social, isto é, repetindo, relacionalmente, o jogo e as disputas pelas posições de status, destaque e reconhecimento, que se define o sentido e o significado dessas mesmas posições sucessivas. Ou seja, participação e vitória em tal ou qual competição, patrocínios por tal ou qual empresa, participação em tal ou qual clube, time, seleção, etc. (BOURDIEU, 2008, p. 71-72). A construção dessa trajetória vitoriosa desemboca na formação da imagem de um ser sobre-humano que mereceu, por sua própria conta e esforço, o lugar de semideus que ocupa, processo que estruturalmente reitera as relações de dominação e desigualdade do contexto social no qual o mesmo está inserido e do qual é produto e reproduzidor (p. 74-82).

<sup>2</sup> No livro *"A Fabricação do Rei"*, Burke disserta sobre o surgimento e a consolidação, no séc. XVIII, da máquina de propaganda e marketing a partir da invenção, construção e propagação da imagem de Luiz XIV e seus setenta anos de reinado na França. Na obra o autor demonstra como a estrutura da propaganda atual, política ou não, continua praticamente a mesma, visando a manipular, agenciar e vender um herói que tem em sua imagem a consolidação de um determinado status quo com todo peso sociológico que isso significa: a manutenção da ordem social, das desigualdades, dos grupos de status e relações de exploração.

<sup>3</sup> É preciso deixar claro que não pretendemos – à moda de sacerdotes escolásticos – descobrir e manter uma suposta verdade textual de um autor sagrado e consagrado em relação aos outros. Autores, sob nossa perspectiva de trabalho, não devem ser mais do que ferramentas para serem utilizadas quando servirem e forem necessárias, ou descartadas quando não. Com efeito, procuramos intersecções em suas obras. Ecos que nos auxiliem a compreender melhor a realidade, o tema e o objeto estudado. Destarte, por exemplo, não visamos estudar e reiterar diferenças de concepções sobre o que vem a ser o poder na obra de Foucault, um filósofo, e a de Bourdieu, um sociólogo de formação filosófica. Destacamos a intensa convergência crítica de seus trabalhos em relação às práticas, as instituições, além do corpo (poder disciplinar) e dos discursos e narrativas (poder simbólico), como instâncias

No que se refere aos discursos e narrativas a respeito das mulheres atletas utilizamos o procedimento metodológico de pesquisa descritiva de análise documental, buscando no site Google todas as possíveis narrativas midiáticas que utilizavam a expressão Heroínas Rio 2016. A busca foi configurada para páginas brasileiras, somente em língua portuguesa, por ordem de relevância e com intervalo de tempo personalizado de janeiro a novembro de 2016.

Nesta parte da pesquisa na qual foram investigadas as reportagens, nos inspiramos no método criado por Michel Foucault em seu trabalho *A Ordem do Discurso*, apresentado na aula inaugural no Collège de France, em dezembro de 1970. Nela, o autor refletiu sobre como as narrativas conseguem exercer ação de controle, limitação, validação de poder e regras nos grupos sociais em diferentes épocas por intermédio dos efeitos de verdade que produzem, justificando as relações sociais. Desse modo, a análise do discurso das reportagens sobre as atletas heroínas do esporte brasileiro, seguiu os quatro princípios estabelecidos por Foucault: inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade.

Além do aspecto acima mencionado se faz necessário esclarecer muito brevemente o que vem a ser em sociologia e antropologia, e, em ciências sociais em geral, a categoria imaginário utilizada aqui neste trabalho. Dizemos categoria, posto que a maior parte dos autores que trabalham com o tema rejeita o termo conceito como sendo algo bastante cartesiano, e, portanto, racionalista, o que viria a trair o próprio significado da categoria imaginário, de acordo com eles. Não entraremos no mérito dessa discussão, visto que a mesma pouco serve para o propósito do nosso trabalho.

Neste aspecto o imaginário estaria referido às dimensões sociais transversais à cultura em geral, conferindo elemento místico e atemporal às representações e práticas de indivíduos e grupos por intermédio de imagens universais ou arquétipos<sup>4</sup>. Consolidando a dimensão simbólica, estruturando a partir das mesmas a base das representações em seus aspectos sensíveis e mesmo inefáveis. Contudo, o imaginário não é apenas o conjunto de imagens, embora elas lhes sejam fundamentais ele as antecede. Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência do imaginário condiciona a existência de conjuntos de imagens, todavia, essas imagens não são suportes, mas os resultados (DURANT, 1982; 2001; MAFFESOLI, 1997).

Diferente de outras tradições (que podem ser denominadas estruturistas e estruturalistas), os estudos do imaginário não buscam necessariamente uma base lógico-matemática para explicação dos mitos, porém, está atento a aura de coesão e mobilização social presente nas narrativas imagéticas o que os levaria a se deter nas análises de conjuntos de imagens gerais as quais apresentar-se-iam nos sonhos, aspirações e desejos individuais e coletivos produzindo a efervescência de uma sociedade, mas também relatando seus delírios, temores e aspirações.

Sem embargo, para este propósito surge a imagem do salvador, messias ou herói que com seus poderes, sacrifício, esforço e liderança conduziria novamente os sofrendores, - em um longo caminho, também de sacrifícios individuais e coletivos -, à coesão, e à idade de ouro perdidas, fazendo-os retornarem à unidade do início dos tempos, à felicidade, à solidariedade e a paz. Para o autor, inspirado em Durand, toda metanarrativa política (estando à direita ou à esquerda do espectro ideológico, sendo de povos “primitivos” ou “civilizados”) envolve diretamente o imaginário sustentando um conjunto de imagens gerais míticas que permitem ao sociólogo uma metodologia (DURAND, 1982; MAFFESOLI, 1997) uma análise horizontal das organizações imaginárias e simbólicas de toda e qualquer sociedade.

## O mito do herói

A palavra mito é originada da palavra grega *mythos*, que é definida como uma forma de explicar a realidade existente sem a preocupação com a lógica e com a verdade. Os mitos são metáforas inconscientes que, para aqueles que neles creem, revelam as verdades inquestionáveis universais. Eles constituem expressão de sentimentos e demandas coletivas que, por seu próprio intermédio, são incorporados sob a forma de sentimentos e demandas individuais. Ambos saem do inconsciente e passam para o consciente, transformando-se em expectativas a serem alcançadas, nutrindo assim ações cotidianas e justificando-as como normais (DURAND, 2001; GIRARD, 1990; SANTOS, 2014).

Podemos considerar o mito como uma história sagrada e verdadeira que existe na realidade daqueles que o vivem. É um modelo exemplar das atividades humanas quando manifesta seus poderes sagrados ou sacralizantes (ELIADE, 1991). Para o homem comum, é importante conhecer as histórias dos mitos a fim de ter a compreensão sobre o mundo e também sobre a forma de como permanecer nele, pois a lógica dos mesmos confere não apenas significado à existência, que a princípio não teria nenhum, mas sentido às ações mantendo assim a ordem dos sistemas sociais e regulando suas mudanças (LÉVI-STRAUSS, 1993). Tendo esses conhecimentos, seria possível tentar repetir as façanhas dos heróis e dos produtoras e reprodutoras das relações de poder e dominação nas sociedades complexas.

<sup>4</sup> Os principais teóricos que estudam o imaginário em ciências sociais são influenciados pelas obras de Carl Gustav Jung, assim como por trabalhos do segundo Gaston Bachelard. A inspiração junguiana vem a ser o aspecto mais criticado pelos teóricos mais racionalistas que tratam do mesmos temas, a saber, o imaginário, a consciência ou o inconsciente coletivo, etc. Para uma breve tentativa de esclarecimento da categoria arquétipo, podemos dizer que seriam elementos estruturais imagéticos universais (símbolos) que comporiam o inconsciente coletivo de toda a humanidade, representando predisposições inatas de indivíduos e grupos, relacionadas a eventos transculturais e sociais, constitutivos de todas as relações humanas tais como combates, casamentos, nascimentos, mortes, etc. O herói seria um desses elementos da psique presente em todo e qualquer sistema mitológico e religioso das culturas, sendo, portanto, um dos reflexos desse inconsciente coletivo (JUNG, 2011).

deuses, tendo-os como modelos de adoração, ação e comportamento.

Os mitos são compreendidos de diferentes maneiras: como forma de expressão dos sentimentos de uma determinada sociedade, como explicação para fenômenos de difícil compreensão ou como explicação para determinados sentimentos reais e recalcados. O mito é atemporal, de maneira tal que, mesmo trabalhando com eventos passados, apresenta uma estrutura formal permanente, sempre renovada em seus conteúdos, que ultrapassa o presente, o passado e o futuro. Assim, as estruturas mitológicas atuam no presente da mesma forma como atuaram no passado, estando presentes nas crenças, valores, normas e comportamentos (LÉVI-STRAUSS, 1993; 1996).

Até mesmo a ciência ou seus elementos fundamentais pode passar a compor a estrutura mítica de uma coletividade, como é o exemplo das ciências da saúde e sua autoridade normativa. Desta perspectiva a ciência, não raro, tende a funcionar, na contemporaneidade, em termos de hegemonia ou autoridade cultural, ou simbólica, de modo similar à teologia católica na Idade Média, e a organização social do sistema acadêmico universitário, que a traduz discursivamente, como sua escolástica. Neste aspecto é preciso ressaltar que os estudos sobre o imaginário não devem se deter apenas nas organizações de imagens com suas relações às representações e práticas, mas, associando-se às abordagens de outros autores, destacar que esse processo não se realiza sem consolidar relações de poder e dominação (LUZ; SABINO; MATTOS, 2013).

Assim sendo, os mitos são histórias do homem em busca pela explicação do inexplicável, narrativas que constroem a verdade de um grupo, conferindo-lhe sentido e significado ao longo do tempo. O mito é uma pista das potencialidades espirituais da vida humana. Deste modo, durante a procura do ser humano por experiências de estar vivo, o mito mostra sua capacidade criativa. Destarte, o mito narra como é essa experiência, colocando o ser humano na condição de existência (CAMPBELL, 1997).

No campo da mitologia, o herói é um dos termos fundamentais da estrutura mítica, o protagonista das sagas, gestas e jornadas, sendo considerado um ser extraordinário que, com coragem e força, realiza diversas façanhas (DURAND, 2001; LÉVI-STRAUSS, 1993; 1996; SANTOS, 2014). Terminada a busca do herói, por intermédio da graça de alguma personificação de forças masculinas ou femininas, humanas ou animais, o aventureiro deve ainda seu troféu ou prêmio, transmutador da vida, posto simbolizar a efervescência social, a identidade coletiva, o signo, o emblema da promessa de grandeza e felicidade do seu povo (CAMPBELL, 1997; DURAND, 1982; GIRARD, 1990; LÉVI-STRAUSS, 1993).

## Feminismo e o esporte

O feminismo é um movimento social moderno de grande complexidade (DUTRA; NUNES, 2015). Apesar da diversidade de vertentes entre os grupos denominados feministas, todos compartilham a luta pela superação de uma cosmologia dualista, que classifica o mundo a partir de oposições binárias, fundadas na dicotomia masculino/feminino, cujo fundo hierárquico confere supremacia ao primeiro termo e suas infundáveis derivações. Concretamente, este horizonte de fundo se expressa na luta pela igualdade entre homens e mulheres, pela igualdade salarial e de condições laborais, pelos direitos civis, pelo fim da opressão no lar, pelo fim das diversas formas de violência contra a mulher, contra a cultura do estupro e pela garantia de acesso simétrico aos postos de governança da sociedade. Assim, a mobilização feminista visa atender a luta das mulheres por garantia de direitos políticos e sociais, mas também superar as formas de pensar machistas que existem dentro do próprio movimento feminista e suas frações de classe, como propõe já o pós-feminismo de Preciado (PRECIADO, 2014; RUBIN, 2017; RUBIO, 2011).

As mulheres passaram milhares de anos praticamente invisíveis na historiografia ou aparecendo como meras coadjuvantes – salvo raríssimas exceções. Sabemos que, ainda hoje, existe um grande hiato entre a condição masculina e feminina, e isto não apenas em todos os campos sociais de expressão do poder, mas também na parte do esporte e toda a narrativa midiática que o cerca. Quando se destacam em seus feitos, mesmo considerados heroicos, não raro, acabam sendo comparadas ou enquadradas nos papéis masculinos (SABINO, 2003; SOIHET et al., 2001). As raízes desse processo são profundas. Durante a Antiguidade, por exemplo, somente os homens participavam das competições. Na Grécia Antiga acreditava-se que o corpo feminino era inferior e servia apenas para a maternidade, por isso as mulheres deveriam manter o corpo coberto e eram proibidas de participar e assistir competições. Caso a mulher decidisse violar as leis, ela poderia ser punida com a pena de morte (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).

## RESULTADOS

A primeira matéria analisada no presente estudo é oriunda do site Globo Esporte (ABRAMVEZT; SOUZA, 2016), sob o seguinte título: Criada na guerra, heroína põe Kosovo no mapa olímpico: “Uma sobrevivente”. Nesta reportagem é destacada a judoca Majlinda Kelmendi, que conquistou a primeira medalha de ouro do seu país, Kosovo, o qual não é reconhecido pela Organização das Nações Unidas.

Esse ouro significa muito para Kosovo. Não apenas para o esporte, mas também para o país. Sou uma sobrevivente de guerra, assim como meu povo. Várias crianças do Kosovo perderam seus pais. Muitas crianças não têm livros para ir para uma escola. E eu virei campeã olímpica vindo desse país. Mesmo sem dinheiro, mesmo sem estrutura você pode acreditar em si mesmo e trabalhar muito duro para atingir seus sonhos [...] (ABRAMVEZT; SOUZA, 2016).

O herói esportivo muitas vezes é associado à figura de um sujeito pobre ou comum que enxerga no esporte um meio para conseguir ascensão social. Ele enfrenta dificuldades muitas vezes sozinho e sofre de angústia com a possibilidade de não conseguir realizar o seu sonho. Quando consegue realizar os feitos extraordinários, transforma-se num exemplo para as pessoas do seu país ou para o seu antigo grupo social (PICH, 2003).

Eu sempre busquei e quis isso e hoje é um sonho se tornando realidade. As pessoas já me veem como heroína e tudo o que eu quero é mostrar para elas que se elas querem algo, elas podem conseguir. As crianças me tratam como heroína, são crianças que tiveram que sobreviver aos horrores da guerra (ABRAMVEZT; SOUZA, 2016).

Proia e Morhain (2006) afirmam que a perpetuação do mito do herói esportivo passa pelo triunfo sobre provações improváveis. Neste aspecto, a representação social moderna e liberal do sujeito como substância livre e racional que escolhe sua trajetória, se desfazendo de todos empecilhos na sua jornada em busca da vitória e pagando o alto preço do super esforço e sofrimento disciplinar para alcançá-la, ou seja, a ilusão coletiva do self made man, (no caso, self made woman) encontra no discurso do atleta vencedor, transformado em herói nacional, o seu corolário. Para Campbell (1990), o herói vive para redimir a sociedade, como é possível destacar o desejo de Majlinda em servir o seu país.

Dizendo praticar esporte apenas por amor, Majlinda sabe que vai ficar mais famosa no mundo inteiro. Mas tudo que ela realmente quer é fazer o povo de Kosovo ter orgulho da sua gente. Eu não sei se vou ficar mais popular e nem quero isso, mas o povo vai me respeitar muito mais, porque esse é o primeiro ouro do Kosovo, da Albânia ou de quem fala albanês. Eu não quero ficar rica ou famosa, eu luto, porque amo e quero dar orgulho para o meu país (ABRAMVEZT; SOUZA, 2016).

Prêtet (2017) ressalta que a política desportiva já foi colocada sob o controle do Estado para tornar o desporto um instrumento nacional ideológico, em diversos países. Havemann (2017) destaca que, a partir de 1933, o regime nazista procurou controlar o esporte alemão. Após as Olimpíadas de Berlim, o esporte deveria formar uma juventude militarizada e promover a imagem do Terceiro Reich no exterior.

Por outro lado, o cinema consagrou uma miríade de histórias reais nas quais o esporte produziu identificações coletivas pacificadoras – seja no combate à ideologia racista por meio do Rugby, na África do Sul pós apartheid, sob o governo de Nelson Mandela (retratado no filme *Invictus*), seja na mitigação de conflitos raciais em escolas estadunidenses, no interior de uma equipe de futebol americano (cujo relato cinematográfico recebeu um título emblemático do tema ora abordado, “Duelo de titãs”), seja na produção de identidades comunitárias positivadas, em periferias segregadas, a partir da representação coletiva transferida para uma equipe de natação (filme “*Pride: o orgulho de uma nação*”). Os exemplos de usos políticos, à direita, à esquerda e ao centro, poderiam se multiplicar.

O esporte é, conforme a hipótese sustentada neste artigo, um fenômeno especialmente apropriado para a produção de heróis. Por conseguinte, ele oferece pari passu terreno fértil para a produção de grupos identificados com o herói; de corporações ou, se se quer, de torcidas. Disto decorre sua plasticidade sui generis para adequar-se aos mais diversos usos políticos. Entre a guerra – vale dizer, a disputa violenta entre grupos humanos por recursos – e a política – isto é, a disputa não violenta pelos mesmos recursos – o esporte se acopla, teatralizando ambas em uma disputa simbólica.

As torcidas, por um lado, oferecem identidades coletivas que se rebatem sobre as divisões de interesses políticos, obliterando-as ou, por outro lado, fornecem um suplemento simbólico de identificação que pode eventualmente empoderar coletivos assim identificados também na esfera política. O ocultamento de interesses políticos pelas identidades esportivas ou, inversamente, a expressão esportiva dos interesses políticos, dependerá da maneira como torcidas esportivas e grupos políticos se combinam reciprocamente; com sobreposição das primeiras sobre os últimos (como uma névoa ou cortina de fumaça) ou, ao contrário, com reforço dos últimos pelas primeiras. Guerra, esporte e política compreendem, em suma, atividades humanas que compartilham princípios estruturais de fundo: grupos que se identificam e se opõem, cooperam internamente e competem reciprocamente, e cuja relação entre oposição e coalizão nunca é absoluta, mas antes contextual, relacional e deslizante conforme a escala de observação (ESPÍRITO SANTO, 2018).

No site Olimpíadas UOL (2016), a reportagem: “Heroína da classificação, goleira do Brasil vira ‘Bárbara Prass em memes’”, foca na repercussão dada nas redes sociais ao fato da goleira defender dois pênaltis que classificou o Brasil para as semifinais. A associação da figura de Barbara com uma figura masculina pode ser relacionada com o que Bourdieu (1998) define de violência simbólica, a qual ocorre baseada em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que lhes confere a melhor parte do processo social fazendo a mulher surgir apenas como coadjuvante ou decalque de sua forma e feitos paradigmáticos. A imposição da dominação não é caracterizada

pelas diferenças anatômicas e fisiológicas de homens e mulheres. O que ocorre, na verdade, é a naturalização da visão androcêntrica<sup>5</sup> e a hierarquização de homens e mulheres (BOURDIEU, 2008a; RUBIN, 2017).

Wiels (2015) discute a história do teste de feminilidade nas competições. Diferentes métodos e testes científicos tentam desesperadamente diferenciar os dois gêneros. Definir o que é a mulher real é uma forma de manter a equidade entre os atletas e manter a ideia de mulher como ser humano dotado de uma vitalidade fértil e de renovação das gerações de filhos sadios.

Ao considerar Bárbara uma heroína, desconsidera-se e o futebol é um esporte coletivo. O debate acerca da primazia dos aspectos táticos coletivos ou, inversamente, da habilidade técnica individual constitui um tema clássico da antropologia do esporte. Ele esteve presente por ocasião da invenção do Futebol e do Rugby nas public schools inglesas, no século XIX (LOPES, 1995), com relativo êxito da escola tática – testemunhado até hoje no estilo de jogar o soccer daquele país. Uma linha de pesquisa promissora a este respeito refere-se ao estudo de indicadores de experiências compartilhadas pelas equipes esportivas que se traduzem em maior coesão social e entrosamento tático, os quais têm funcionado com relativo êxito como preditores de vitória entre duas equipes cujos talentos individuais se equivalem (MUKHERJEE et al., 2018).

Tanto indicadores estatísticos referentes a fundamentos coletivos, como assistências e passes, bem como referentes ao tempo de constituição das equipes e às experiências de êxito esportivo prévias, disponíveis, por exemplo, no site da ESPN, quanto pesquisas mais recentes com sensores que visam mapear as interações táticas em jogo, têm demonstrado o papel determinante da sinergia coletiva para a vitória, quando as habilidades técnicas equiparam os times (MUKHERJEE et al., 2018).

A segunda reportagem referente à goleira Barbara foi publicada pelo site ESPN (2016), e destaca que Barbara tornou-se heroína da classificação por “salvar” a jogadora Marta, que não teve êxito na cobrança de pênalti.

Nas cobranças, a craque Marta errou a quinta cobrança brasileira. Um gol da Austrália, portanto, colocaria fim ao sonho do time nacional. Mas o jogo tinha uma heroína: a goleira brasileira Bárbara (ESPN, 2016).

Em outra matéria, publicada no site UOL Olimpíadas (LEITE, 2016), intitulada “Atleta chilena sofreu abuso sexual do padrasto e é heroína em seu país”, foi destacado que a maratonista Erika Oliveira é considerada heroína no seu país por seu posicionamento político e pelas suas conquistas esportivas.

Seu carisma com os chilenos ocorre por se posicionar fortemente sobre questões políticas e esportivas e também por simbolizar garra e coragem pelas dificuldades superadas em sua vida.

Queria que as pessoas soubessem para que outras mulheres não se calassem. Que denunciem e exponham a situação quando isso ocorra, falou ao UOL Esporte (LEITE, 2016).

O esporte é o reflexo de modelo de sociedade em que está inserido. Ao olhar uma conquista esportiva ou uma derrota, ocorre uma identificação das classes sociais com a vida dos atletas. Para Bourdieu (1997, 2008a; 2008b), podemos determinar uma classe social, não apenas pelo fato dela ocupar uma única posição numa estrutura, como a posse de capital econômico, por exemplo, posto que os grupos possuem propriedades de posição, relativamente independentes do capital monetário. Essas propriedades de posição se materializam nas práticas por intermédio não apenas da posse de bens monetários, mas por intermédio de bens simbólicos que são elementos ou distintivos de status de quem os possui.

Com efeito, as classes sociais funcionam devido ao fato de que seus membros se envolvem em um jogo de relações simbólicas com indivíduos de outras classes, e, de grupos internos às suas próprias classes, o que o autor denomina frações de classe, dando a entender que não existe uma unidade de luta interna às mesmas, expressando-se em diferentes situações e posições segundo uma lógica sistêmica, distinções significantes produtoras e reprodutoras das mesmas distinções, e, portanto, das relações de dominação. Isto é, as classes sociais são definidas tanto pela cultura, e sua distinção simbólica, (discursiva e narrativa) – por vezes mais por ela – do que pela própria distinção econômica.

O surgimento das heroínas esportivas nas Olimpíadas Rio 2016 talvez seja o resultado da necessidade de produzir modelos para os grupos esportivos ou apreciadores das práticas de esporte, para os quais elas devem estar, ao mesmo tempo, próximas e distantes do público, capazes de realizar grandes feitos, como heroínas, e, simultaneamente exercerem o papel de gente comum que ascendeu socialmente, identificando-se como ser natural e familiar para o público.

<sup>5</sup> O termo é proveniente da ideia de androlatria, que significaria a busca de aquisição de características (virilidade intelectual, física e moral) as quais, para os gregos, apenas os nobres e heróis masculinos (não qualquer homem, apenas aqueles de grandes feitos e posses) desfrutariam. Essa masculinidade hegemônica seria, portanto, paradigmática, pertencendo apenas aos aristóis, aristocratas descendentes dos deuses, somente eles teriam areté, virtude relacionada a sua condição de andrôn. De acordo com Jaeger, o androcentrismo estaria baseado na: “força e a destreza dos guerreiros ou lutadores e, acima de tudo heroísmo... prudência e astúcia... atributos próprios da nobreza [pois] os gregos sempre consideraram a destreza e a força incomuns como base indiscutível de qualquer posição dominante”. Assim, o conceito de areté [virtude] é usado não só para designar excelência humana, como também a superioridade de seres não humanos: a força dos deuses ou a coragem e rapidez dos cavalos de raça (JAEGER, 1995, p. 26-27).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi investigar os sentidos atribuídos pela mídia diante do desempenho esportivo das mulheres nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Os resultados do trabalho mostram que as mulheres consideradas heroínas esportivas tiveram destaque nos sites esportivos quando conquistaram a primeira medalha olímpica do seu país, que sofreu com a guerra, realizaram grandes atuações em partidas decisivas e superaram abuso sexual e tiveram a coragem de expor o ocorrido.

O herói esportivo presente no imaginário social que é fortemente veiculado nos discursos do presente estudo possui a responsabilidade de superar as frustrações da sociedade como um todo, contudo, mantendo – seja homem ou mulher – o aspecto andrôlata e androcêntrico presente nas narrativas míticas. É importante ressaltar que, mesmo sendo consideradas heroínas esportivas, as mulheres tiveram a imagem associada à figura masculina quando se destacaram.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMVEZT, A.; SOUZA, R. **Criada na guerra, heroína põe Kosovo no mapa olímpico: “Uma sobrevivente”**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/judo/noticia/2016/08/criada-na-guerra-heroína-poe-kosovo-no-mapa-olimpico-uma-sobrevivente.html>>. Acessado em: 31 de abril de 2017.
- AUVRAY, E. Une construction locale d’un héros sportif: l’athlète manchois Julien le bas et les jeux olympiques de Londres en 1948. **Annales de Normandie**, Persée, v. 63, n. 1, p. 137-53, 2013.
- BOURDIEU, P. “Programa para uma sociologia do esporte”. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. O que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 2008b.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo?. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-53.
- BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.
- BOURDIEU, P. **Les méditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus Editora, 2008a.
- BURKE, P. **A fabricação do rei**. A construção da imagem pública de Luiz XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CAMPBELL, J. **O herói das mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- DURANT, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DURANT, G. **Mito, símbolo e mitologia**. Porto: Presença, 1982.
- DUTRA, N.; NUNES, T. A marcha das vadias como redes de movimentos e significados. **Revista Prolegômenos**, Bogotá, v. 18, n. 36, p. 153-48, 2015.
- ELIADE, M. **The myth of the eternal return: or cosmos and history**. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- ESPÍRITO SANTO, W. Esporte e estrutura social: lazer e saúde pública à luz do princípio da segmentaridade. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 33-51, 2018.
- ESPN. **Heroína nos pênaltis, Bárbara salva Marta e garante o Brasil na semifinal da Olimpíada**. Disponível em: <[http://espn.uol.com.br/noticia/621869\\_heroína-nos-penaltis-barbara-salva-marta-e-garante-o-brasil-na-semifinal-da-olimpíada](http://espn.uol.com.br/noticia/621869_heroína-nos-penaltis-barbara-salva-marta-e-garante-o-brasil-na-semifinal-da-olimpíada)>. Acessado em: 31 de abril de 2017.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2015.
- GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- HAVEMANN, N. Le sport dans l’Allemagne nationale-socialiste en guerre. **Guerres Mondiales et Conflits Contemporains**, New York, v. 268, n. 4, p. 61-74, 2017.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. IOC. **Factsheet women in the Olympic movement**. Olympic

Studies Centre, 2016. Disponível em: <[https://stillmed.olympic.org/Documents/Reference\\_documents/Factsheets/Women\\_in\\_Olympic\\_Movement.pdf](https://stillmed.olympic.org/Documents/Reference_documents/Factsheets/Women_in_Olympic_Movement.pdf)>. Acessado em : 10 de maio de 2017.

JAEGER, W. Paideia. **A formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Vol. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEITE, J. R. **Atleta chilena sofreu abuso sexual do padrasto e é heroína em seu país**. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/09/atleta-chilena-sofreu-abuso-sexual-do-padrasto-e-a-mae-virou-as-costas.htm>>. Acessado em: 31 de abril de 2017.

LÉVI-STRAUSS, C. A Gesta de Asdiwal. In: **Antropologia estrutural 2**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LOPES, J. S. L. Esporte, emoção e conflito social. **Mana: estudos de antropologia social**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 141-66, 1995.

LUZ, M. T.; SABINO, C.; MATTOS, R. S. A ciência como cultura do mundo contemporâneo: a utopia dos saberes das (bio)ciências e a construção midiática do imaginário social. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 236-54, 2013.

MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MATTOS, R. S. **Pesquisa Qualitativa em Educação Física: da graduação ao doutorado**. Curitiba: CRV, 2016.

MUKHERJEE, S.; HUANG, Y.; NEIDHARDT, J.; UZZI, B.; CONTRACTOR, N. Prior shared success predicts victory in team. **Nature**, London, v. 3, n.1, p. 74-81, 2018.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E.; TUBINO, M. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 117-25, 2008.

PICH, S. A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo: a construção de uma estória de retalhos de verdade mascarada de verdade revelada. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 199-227, 2003.

PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas da identidade sexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRÊTET, B. Le sport échappatoire ou résistance? L'exemple de Paris et de Toulouse. **Guerres Mondiales et Conflits Contemporains**, New York, v. 268, n. 4, p. 21-34, 2017.

PROIA, S.; MORHAIN, Y. Le corps sportif dans tous ses écarts. **Champ Psychosomatique**, Paris, v. 44, n. 4, p. 109-21, 2006.

RUBIN, G. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2017.

RUBIO, K. (Org.). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

SABINO, C. Lógica da diferença e androlatria: o caso das mulheres das academias de musculação. **Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1. p. 10-28, 2003.

SANTOS, A. O monomito de Joseph Campbell e a jornada heróica de Jesus, o filho de Deus, no quarto evangelho. **Revista Caminhando**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 71-83, 2014.

UOL São Paulo. **Heroína da classificação, goleira do Brasil vira 'Bárbara Prass' em memes**. Disponível em: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/13/heroína-da-classificacao-goleira-do-brasil-vira-barbara-prass-em-memes.htm>>. Acessado em: 31 de abril de 2017.

---

Autor correspondente: **Juliana Brandão Pinto de Castro**

E-mail: [julianabrandaoflp@hotmail.com](mailto:julianabrandaoflp@hotmail.com)

Recebido: **24 de maio de 2018**.

Aceito: **29 de março de 2019**.